

LE GOFF, Jacques. *Saint Louis*. Paris, Gallimard, 1996.

Dentre os gêneros historiográficos, a biografia é talvez o mais difícil de ser escrito. De um lado, porque ela não deve ser apenas narrativa mas também explicativa, como qualquer obra historiográfica digna desse nome. De outro, porque nela são talvez maiores os riscos de anacronismos, sobretudo de transferência inconsciente de elementos do biógrafo ao biografado. Em função disso, os estudiosos ligados à revista *Annales* sempre relegaram o gênero ao segundo plano: a grande exceção que confirmava a regra veio do próprio Lucien Febvre e seu *Un destin, Martin Luther* (1928). Quase setenta anos depois, Jacques Le Goff mostra que a biografia pode ser o corolário, e não a negação do espírito dos *Annales*. Pode ser a concretização da história total, como prova através de um alentado estudo (992 páginas) sobre São Luís (1214-1270), o rei Luís IX de França (1226-1270).

Estudo que ele faz questão de classificar de biografia, insistindo que não se trata de um trabalho sobre o personagem e sua época. Distinção importante, pois obras do tipo “o século de fulano” ou “sicrano e seu tempo”, tendem a traçar apenas um painel mais ou menos amplo do período em questão, nele reservando um lugar limitado para o personagem em foco. Nesse caso, o ângulo de abordagem vai do geral (a época) ao particular (a pessoa). No entanto Le Goff tampouco escreve uma biografia convencional, que

busca descrever de forma minuciosa as realizações do indivíduo, freqüentemente visto como alguém dotado de qualidades ou de defeitos exacerbados, alguém cuja situação explicaria as características do momento. Visão, portanto, em que se passa do particular ao geral.

Nesse *Saint Louis*, pratica-se a autêntica biografia, aquela que procura reconstituir de forma articulada a vida do personagem em todos os seus planos. Aquela que tenta resgatar a complexidade do indivíduo em si mesmo, sabendo que para tanto é preciso considerá-lo como produto e produtor de seu tempo. De fato, a verdadeira biografia é o ponto de embricamento de um estudo mais geral, sobre o contexto histórico, com um outro monográfico, sobre o personagem propriamente dito. É o resultado do entrecruzamento da macro e da microhistória. O encontro do longo tempo geográfico e mental, com o curto tempo dos eventos políticos e sociais, com o curtíssimo tempo biológico da vida humana. A tentativa de, através do personagem e no personagem, fazer emergir as grandes questões da política, da economia, da sociedade, da cultura, da religiosidade, da psicologia do período.

Mas um personagem, grandioso ou anônimo, não é uma síntese passiva de sua época: é um agente histórico. As continuidades, as hesitações, as rup-

turas – enfim os grandes eixos históricos, frequentemente tratados de forma desequilibrada – não devem ficar escondidas em uma biografia. Esta não deve ser apenas a fotografia ou mesmo a radiografia do personagem pois se tais técnicas revelam, desnudam, registram, elas também petrificam. A biografia é um filme que acompanha a trajetória do biografado, mostra-o freqüentemente em *close*, mas não descuida do cenário, do segundo plano. Várias vezes mesmo, prefere tomadas de grande angulação para ver o personagem de corpo inteiro e inserido na paisagem em que atua e que transforma. Foi o que Jacques Le Goff fez no seu *Saint Louis*, com a mestria de um experimentado *metteur en scène*.

E enquanto roteirista, como trabalhou o biógrafo? Com qual material reconstituiu a imagem de alguém que viveu há mais de setecentos anos? Ele lidou, como todo historiador, com um conjunto lacunar, residual, tendencioso, preservado pelo acaso documental, mas única fresta para se entrever o passado. Manejou aquele material sabendo que por ser relativo a um grande personagem, rei e santo, os riscos de encontrar ali sobretudo *topoi* eram talvez maiores que em outros casos. Em função disso, a crítica das fontes tornou-se mais necessária que nunca, e mais rigorosa. Foi com razão, portanto, que Jacques Le Goff reservou muitas e belas páginas desse livro ao exame da construção da memória coletiva sobre São Luís (pp. 313-522). Percebendo o quanto aquele personagem foi absorvido pelo tipo ideal do monarca cristão, o quanto é difícil encontrar o indivíduo sob sucessivas camadas de estereótipos, ele foi levado mesmo a perguntar: “São Luís existiu?” (pp. 311, 472, 897).

Pergunta certamente provocativa, mas sobretudo pergunta de enorme alcance metodológico. Por exemplo, quem é o São Luís revelado por Joinville, cronista laico, próximo ao monarca e considerado o melhor testemunho que os historiadores possuem sobre ele? É o São Luís “verdadeiro”, ou o produto de lembranças e de projeções de um cortesão

octagenário? O texto de Joinville é biográfico ou autobiográfico? O exame da fonte mostra que Joinville escreveu para si mesmo (p. 481), no entanto, como sugere Le Goff em outro trabalho, todo historiador não escreve para exorcizar a própria morte? Mas então, qual a diferença entre a *Vie de Saint Louis* escrita pelo cavaleiro medieval atraído pela figura de seu amigo e soberano, e o *Saint Louis* concebido pelo erudito moderno que confessa sua fascinação pelo personagem que às vezes o atrai, às vezes o irrita? O estudioso de fins do século XX leva sobre seu antecessor do século XIII a vantagem do distanciamento temporal e dos procedimentos científicos, e sobretudo a consciência de que a história é “uma ciência conjectural”, e que assim sempre intervém no seu trabalho a imaginação, ainda que “esclarecida e controlada” (pp. 887-888).

É interessante observar como no rico conjunto das obras de Jacques Le Goff, esse estudo tão específico que é *Saint Louis* (1996), complementa e fundamenta o trabalho de síntese anterior, *La civilisation de l'Occident medieval* (1964). De fato, se nesse último estavam intuídas e esboçadas várias interpretações inovadoras, que Le Goff comprovou e desenvolveu ao longo das três décadas seguintes em diversos artigos, ensaios e livros, na biografia de São Luís ele reencontra, reexamina, aprofunda, resume e articula em outro plano muitos daqueles temas *Saint Louis* ganhou assim uma sofisticada arquitetura interior, dissimulada por linhas externas aparentemente simples: a primeira parte é uma biografia factual, tradicional, do personagem; a segunda, uma lição de metodologia histórica, que apresenta, discute e analisa as fontes existentes sobre o personagem; a terceira, mostra como os modelos reais e hagiográficos existentes naquele momento acabaram por recobrir o indivíduo Luís Capeto.

Se vistos isoladamente, diversos espaços internos daquela construção historiográfica ganham autonomia, tornam-se pequenas e extraordinárias monogra-

fias, caso por exemplo das páginas dedicadas à coroa de espinhos e à *Sainte-Chapelle* (pp. 140-148), à política dinástico-funerária do rei (pp. 273-289), ao conceito de indivíduo (pp. 499-508), à iconografia do retrato (pp. 515-522), ao conceito de tempo (pp. 558-570), às relações entre o rei e os artistas e intelectuais (pp. 571-594), à gestualização do rei (pp. 607-621), aos seus hábitos alimentares (pp. 624-641), à trifuncionalidade monárquica (pp. 642-673), à prática de preces naquela época (pp. 766-774), aos milagres de São Luís (pp. 844-856). Apesar de valiosas em si mesmas, tais passagens ganham toda sua importância apenas quando vistas em conjunto: habilmente articuladas, elas explicam-se mutuamente e lançam luz sobre o personagem – objeto de estudo sempre em mira, mesmo quando passa longos trechos do livro sem aparecer. Ou seja, como toda boa biografia, esse magnífico *Saint Louis* é ao mesmo

tempo o mais sintético e o mais monográfico dos trabalhos de seu autor.

Contemporâneo das grandes sumas que reuniam e ultrapassavam o conhecimento então existente (como a teológica de Tomás de Aquino, a histórica de Vicente de Beauvais, a hagiográfica de Jacopo de Varazze, a científica de Roger Bacon, a artística das catedrais góticas), São Luís não poderia deixar de ser objeto de uma síntese monumental do mesmo tipo, como esta que acaba de lhe ser dedicada. Se um santo como Agostinho encontrou seu biógrafo definitivo em Peter Brown, se um monarca como Frederico II teve o seu em Ernst Kantorowicz, o monarca-santo francês merecia Jacques Le Goff.

Hilário Franco Júnior
Depto. de História - FFLCH/USP